

O GRILO

Godofredo Rangel

Apareceu, não sei como, aquele grilo em meu gabinete de trabalho. Apareceu, não é bem o termo, porque eu apenas lhe sabia da existência pelo trilo agudo que incansavelmente emitia. Levado ao acaso de seus pulos incertos, extraviara-se, talvez, e fora ali parar, e ficara em meu gabinete. Não chego a crer que ali estivesse por solidariedade, afeição, ou outro sentimento assim fraterno, pois seu cricri percuciente era repassado de angústia, possuía como o timbre dilacerante de quem implora socorro.

Queria, certo, sair, sem saber como. era provável que para isso houvesse feito infrutíferas tentativas. e, ao cabo, desanimado, sentindo-se só e perdido, gritava, gritava desesperadamente, na esperança mais que problemática de que lhe levasse socorro alguma alma caritativa de sua própria espécie.

Pobre grilo! Ao terceiro dia tive-lhe pena e procurei-o para restituí-lo ao sol, aos prados verdes e às demais coisas belas de que se sentia nostálgico. Manda a sinceridade, porém, confessar que não foi só por esse movimento altruísta que eu o procurei. é que aquele cricrilar não era das músicas mais divertidas, entrava agudamente pelo ouvido, impedindo-me de ler e meditar. Oh, as belas ações, como são repassadas dum fundo de egoísmo vulgar, que lhes tira metade do valor!

Mas, sejamos verdadeiros, fazendo justiça a nós mesmos: era pena também, pena que se acentuou nos dias seguintes, conforme o seu grito se ia tornando fraco, fraco. Decerto o pobrezinho, naquele canto perdido em que se achava, sofria todas as torturas, inclusive as torturas da fome.

E as buscas a que eu procedia, sempre baldadas, porque seu trilo tinha propriedades ubíquas, como ilusionismo de ventriloquia, parecendo partir exatamente dos lugares onde não havia coisa nenhuma.

Dias depois, quando apenas emitia um fio de som que era um despedir-se da vida, casualmente encontrei-o. Estava a um canto, atrás da porta, sob uma caixa de fósforos vazia. Atirada a esmo, a caixinha tapara-o naquele esconderijo, donde não a removera a vassoura indolente do moleque que me cuida da casa. Debaixo dela, todos aqueles dias, devera ele ter sentido todos os horrores de uma subterrânea clausura. Via-se prisioneiro e sem culpa; por isso, além da nota implorativa, talvez existisse em seu incansável cricrilo um protesto alto de inocência, e pedia, à maneira dos grilos, a revisão do processo iníquo que o condenara àquela pena atroz.

Era um grilo preto. Ou antes, devera ter sido preto. Com a prolongada prisão sob a caixinha de fósforos, sua pretidão se desbotara num cinzento lívido. Estava quase transparente. via-se que era fraqueza e fome.

Tão apatetado ficara, que, ao destapá-lo, não fugiu aos pulos, assustadamente. ficou imóvel, no mesmo lugar, como se as forças que lhe faltavam para o trilo lhe minguassem, também, para pular.

Pobre grilo, vou restituir-te à liberdade, disse-lhe eu, enxotando-o com um pedacinho de papel. Vais rever o sol, o céu, as ervinhas de que te alimentas e os grilos teus irmãos. O aspecto das coisas conhecidas, que tanto amavas, há de desencolher-te as pernas e restituir-te o prazer de viver. Não fica longe o quintal: eia! um esforço! Enxotava-o. afinal, movendo-se, aos pulinhos indecisos, curtos, ia para a direção a que eu o propelia. ia estonteadamente, sem rumo certo, tornando-se preciso que momento a momento eu lhe retificasse o caminho.

Eia: prosseguia eu. Outro pulinho! já não fica distante o terreiro. Vais reentrar na doce vida de outrora. Reaprenderás a cantar e trilar tão alto, que hei de maldizer-te por me turbares o sossego. Embebedar-te-ão as noites estreladas, sob cuja vastidão entoarás, com os demais grilos, coro festivo. Agora vais querer-me mal, culpando-me de teu prolongado encerro. Tua inteligência pequenina verá em mim um algoz cujo sumo deleite é torturar os grilos inofensivos. Mas não importa! Sê ingrato, contanto que vivas e me ensuardeças com tua cantiga infindável.

E, aos pequeninos pulos, o grilo ganhava a porta do terreiro. Já ia mais desembaraçado como radquirindo o uso de seus complicados membros, porventura estimulado pela alegria de sentir-se salvo. Por fim, eu já não precisava impeli-lo; ia por si buscando a porta, célere, como quem se reaviou em trilha conhecida. No patamar não se deteve um momento; atirou o salto para o espaço aberto, inundado de sol.

— Livre?

Ainda não!

Nesse momento uma galinha deitou-lhe olhar de gula; e, antes que eu pudesse intervir, precipitou-se alvoroçadamente e comeu-o.
